

# Obra recupera mitos indígenas

Em prosa clara e concisa, Daniel Munduruku introduz o leitor ao mundo das relações culturais e políticas dos índios

Por Roberto de Sousa Causo

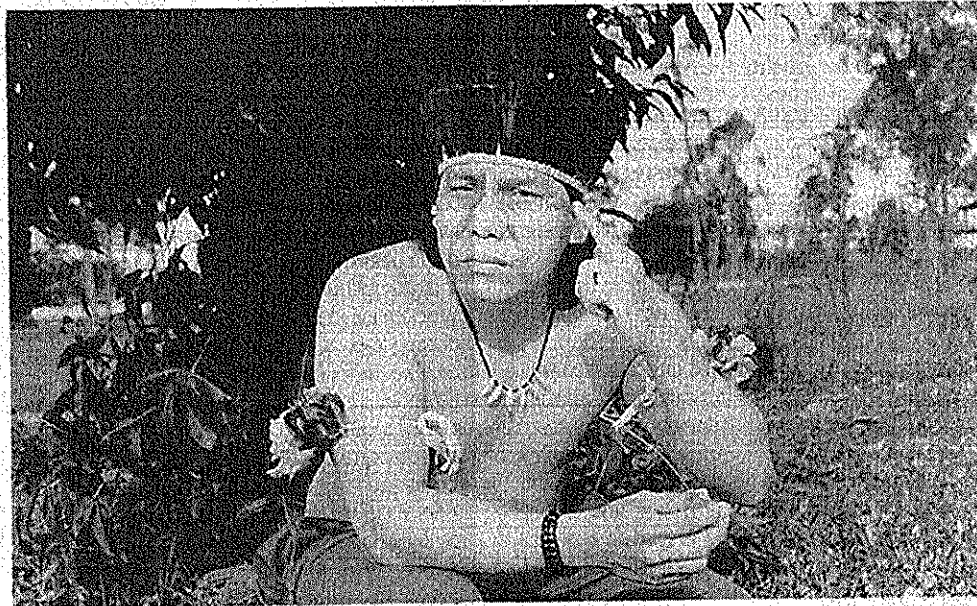
Reprodução

Literatura nativo-americana é a produção contemporânea escrita por autores índios ou descendentes de índios, voltada de um modo ou de outro para a condição do indígena nas Américas. Vem da expressão em inglês, politicamente correta, *native American*. A literatura nativo-americana não é uma esquisitice literária. É um fenômeno real para a expressão desse grupo, tanto quanto a literatura feminista o é para as mulheres, ou a literatura negra, para os negros. E do mesmo modo que esses análogos, ela vem relativizar nossas percepções tanto humanas quanto literárias.

Existem autores nativo-americanos de peso dentro das letras canadenses e americanas, como Gerald Vizenor, Thomas King, e N. Scott Momaday, este último tendo recebido alguns dos prêmios literários mais importantes dos Estados Unidos, o Pulitzer e o Prêmio da Academia dos Poetas Americanos. A ficção e a poesia nativo-americanas muitas vezes se aproximam dos empregos da literatura pós-colonial, à qual pertencem Salman Rushdie e Ben Okri, ganhadores do prestigioso Booker Prize inglês. E há momentos em que essa literatura está mais perto do discurso pós-moderno do que do "primitivismo" que o estereótipo do índio nos faria esperar.

No Brasil, inicialmente, foi difícil imaginar que os índios, culturalmente oprimidos, surgissem com sua própria voz literária. Mas surgem. Em São Paulo, há o Naê (grupo intertribal de solidariedade e defesa da cidadania indígena), composto pelos escritores Daniel Munduruku (autor de *História de Índio*, agora lançado), Kaka Werá Jecupé, Olívio Tupã e Roman Quetchua, este um *quechua* da Bolívia, que se dedica ao campo musical da cultura nativa andina. A maioria deles possui formação universitária e escolheu a escrita como principal forma de expressão.

Olívio Tupã, estudante de Filosofia na Universidade de São Paulo, é poeta. Kaka Werá Jecupé escreveu *Oré Awê Rotru 'A*



Daniel Munduruku, autor de *História de Índio*: serenidade para criticar as ações contra a natureza

*Ma: Todas as Vezes que Dissemos Adeus*, um belo livro de não-ficção que transforma a tradição oral indígena em experiência escrita para revelar segredos milenares do povo vermelho da América do Sul, narrados por um txukarramãe criado entre os guaranis. O livro mostra sua perplexidade ao transitar pela selva de pedra e por entre os rituais da metrópole ao sair da pequena aldeia de Krukutu para realizar uma dança em pleno Vale do Anhangabaú, em São Paulo, a pedido dos espíritos ancestrais (os Tamã), como sinal de perdão aos males causados pelos "conquistadores", na esperança de que a civilização supere suas ignorâncias históricas e coloque a ciência a serviço da harmonia na Terra. O livro de Kaka Werá Jecupé possui conteúdo poético sólido, derivado da oralidade indígena e dotado de surpreendente serenidade.

Serenidade também é a marca de Daniel Munduruku, oriundo da nação munduruku, do Pará. Seu trabalho infanto-juvenil

*História de Índio* foi um dos maiores sucessos dessa área durante a 14ª Bienal Internacional do Livro, em agosto, em São Paulo, a ponto de sua editora investir em mais promoção do livro, com sessões de autógrafos nas quais o autor e outros membros do Naê apresentaram ao público infantil narrativas de mitos.

O livro, ilustrado com as pinturas vistas e vibrantes de Laurabeatriz, é dividido em três partes. A primeira é o conto *O Menino que Não Sabia Sonbar*, no qual o jovem Kaxi é treinado para assumir a função de futuro pajé; a segunda é composta de crônicas e depoimentos escritos a partir da experiência de Daniel como um índio convivendo com a cultura e os preconceitos do não-índio; a terceira fala dos povos indígenas no Brasil, em questões culturais e políticas. A prosa é clara e concisa e o livro introduz o leitor ao mundo das relações culturais e políticas dos índios.

O conto *O Menino que Não Sabia So-*

*nbar* inclui críticas às ações negativas dos brancos contra os índios e a natureza, palavras e expressões na língua munduruku e a tranqüila aceitação, sem estranhamento, do mundo mítico, "mágico", do índio. Por outro lado, a hesitação de Kaxi em ter o sonho mítico pode ser vista como metáfora para a dificuldade que o índio brasileiro hoje encontra em afastar a ameaça de aculturação e abraçar suas tradições e seu modo particular de ver o universo, sem "a vergonha de ser índio" que o próprio autor admite ter sofrido mas superado.

Outro texto importante dentro da *História de Índio* é a crônica *Japonês, Chileno ou Índio?*, em que um transeunte interpreta o autor, despejando sobre ele uma enxurrada de perguntas e manifestações estereotipadas de falsa simpatia pela condição indígena: "Depois dessa avalanche de perguntas", escreve Daniel Munduruku, "meu interlocutor despede-se dizendo que foi muito bom me conhecer. Apenas o cumprimento, a batida nas costas e o adeus. A ignorância continua a mesma".

O trabalho de Munduruku aponta para um valor distinto da literatura nativo-americana, de representação de um mundo diferente daquele em geral expresso na literatura ocidental. Nesse sentido, sua ação representa um desafio à literatura como ela é concebida pelo meio acadêmico-universitário.

Hoje, Daniel Munduruku se dedica a sua tese de mestrado sobre a política do povo munduruku, desenvolvida na Universidade de São Paulo, mas tem planos para escrever mais ficção, incluindo obras para o público adulto. Por meio de seu contato com alunos e leitores, sabe que a demanda do público é por narrativas de mitos indígenas, de difícil transposição para a língua portuguesa. □

□ HISTÓRIA DE ÍNDIO, de Daniel Munduruku. Companhia das Letras, 72 págs., R\$ 19,50.

Roberto de Sousa Causo é escritor de ficção científica